



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2013

JUNHO

Nº 67

SÍNTESE DO PARECER DO ENTÃO MARQUÊS DE CAXIAS SOBRE A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO, ATENDENDO SOLICITAÇÃO DO IHGB EM 1854

Os brasileiros dispunham de 5.007 homens (Cavalaria: 2.731 h, Infantaria: 2.036 h e Artilharia: 240 h). Os argentinos e orientais 10.557 homens (Cavalaria: 8.379, Infantaria: 1.538 e Artilharia: 600). Não participaram da batalha 1.720 brasileiros, o que subiria o efetivo brasileiro na batalha para 6.627, caso tivessem combatido.

O movimento inimigo retrocedendo através do Passo do Rosário foi estratégico e poderia ter sido previsto e não o foi, por não ter sido levado em conta que um exército invasor e superior não poderia fugir à perseguição de um inferior numericamente e nem abandonar as posições que ocupara sem ter conquistado o fim a que viera.

O campo em que o Gen Alvear esperou as tropas brasileiras, que marchavam às cegas e sem ter informações seguras sobre o inimigo, pôde por ele ser escolhido e nele se exercitou por dois ou três dias, segundo ouvi de oficiais argentinos e uruguaios e, inclusive, do Gen Eugênio Garzon¹, que interroguei. Os brasileiros, surpreendidos, tiveram de aceitar a batalha no terreno para onde foram atraídos. A posição do inimigo, de antemão escolhida, forçosamente deveria ser muito favorável do que a deixada para os brasileiros.

Mas em abono a verdade, não foi a posição favorável ao inimigo que lhe favoreceu na batalha. Se os brasileiros, logo que tivessem reconhecido o inimigo, mudassem a frente à direita, mais para cima, teriam anulado esta vantagem de posição, obrigando o inimigo a manobrar para combatê-lo e logo a seguir impedi-lo de adotar nova linha de batalha.

A surpresa impediu a reflexão². E tudo foi confusão ao se avistar o inimigo onde ele não era esperado. O terreno ocupado pelo inimigo era mais próprio à Cavalaria do que à Infantaria e dominava o terreno ocupado pelos brasileiros, sendo assim mais favorável à sua Artilharia, superior a nossa quantitativa e qualitativamente.

Havia entre os Exércitos uma sanga sem água e que era um fosso enxuto que só dava passagem à Cavalaria em poucos lugares. E qualquer dos exércitos que a atravessasse à vista do outro teria a dupla desvantagem de desfilar dominado pelas vistas e fogos do outro ataque e na retirada em caso de insucesso.

¹ Este uruguaio casara com uma antiga namorada de Caxias em Montevidéu durante a Cisplatina, em cujo contexto ocorreu a Batalha do Passo do Rosário. Garzón combateu no Passo do Rosário como coronel comandante de um Regimento de Infantaria platino. Mais tarde, aliados Caxias e Garzón, comandaram os exércitos do Brasil e Uruguai contra Rosas (1851-52).

² Estudo de Situação.

O nosso general, não levando em conta as vantagens do inimigo em efetivo e posição, ordenou o ataque. Adotou a Ofensiva quando julgo deveria ter adotado a Defensiva e assim esperado o inimigo na posição que os brasileiros foram obrigados a ocupar, compelindo o inimigo a atacar as tropas brasileiras e assim deixar a posição que vantajosamente ocupava.

As formações dos dois exércitos foram sempre paralelas. As tentativas de flanqueamento³ só foram feitas com vantagem pelo inimigo. Pois no início da batalha conseguiram tomar-nos as bagagens e as munições de reserva, só escapando as cavalhadas que seus encarregados, sem ordens e por iniciativa, as conduziram para São Gabriel. As duas divisões de Infantaria brasileiras permaneceram nas posições e só as deixaram mediante ordens.

A batalha durou 11 horas, mais ou menos, e durante este tempo as unidades sustentaram as posições que lhes foram designadas pelo general. A retirada foi competentemente ordenada pelo General-em-Chefe e muito bem aconselhada na falta de reservas: a de munições tomadas no início da batalha; a de cavalhadas, evacuadas para São Gabriel e a de tropas que haviam sido engajadas na batalha, que se encontravam exaustas.

A ausência de 1.200 homens da melhor Cavalaria ao mando do Cel Bento Manoel Ribeiro, destacada com o fim de observar o inimigo e com ordem de se reunir ao Exército, logo que ouviu os primeiros tiros, o que não cumpriu, não obstante ter ouvido os estrondos da Artilharia inimiga. E, antes, retirou-se para mais longe supondo o nosso Exército perdido.

É opinião geral de todos os oficiais práticos da natureza da guerra⁴ que se faz nos campos do Sul de que os brasileiros não deveriam ter perseguido o inimigo que se retirava da frente do nosso. Não pelo receio de combater, por ser ele superior em forças, mas por estratégia.

A distância do coronel Bento Manuel quando teve início a batalha não passava de 6 léguas castelhanas. As baixas brasileiras foram mais de 200 e as argentinas e orientais em mais de 1000⁵. Fez bem o Marquês de Barbacena em ordenar a retirada em direção a São Sepé, em razão dos brasileiros estarem faltos de munição logo no início da batalha, a Cavalaria quase inutilizada depois de 11 horas de batalha e, no mesmo estado, os mueres da nossa Artilharia. Seria impossível ao Marquês de Barbacena tentar outra vez a sorte das armas enquanto não pudesse se refazer de munições e cavalhadas.

FONTE:

BENTO, Cláudio Moreira. 2002 – 175 anos da Batalha do Passo do Rosário. Porto Alegre: Gênese, 2003,

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
AHIMTB/RS – IHTRGS
lecaminha@gmail.com

³ Desbordamento.

⁴ Guerra à gaúcha - vide o jornal Tradição/1996.

⁵ Foram baixas da Cavalaria contra os quadrados da Divisão do Gen Calado.